

“ENQUANTO HOVER AMOR” (“HOPE GAP”)

O filme *Enquanto houver amor* (*Hope Gap*, no original), de 2019, com roteiro e direção de William Nicholson, conta a história de um casal, Grace (Annette Bening) e Edward (Bill Nighy). O tema central da história se apresenta durante a visita do filho, Jamie (Josh O’Connor), quando Edward dá uma inesperada notícia: vai sair de casa para ficar com outra mulher, depois de 29 anos de casamento, deixando abalados esposa e filho.

Começo este artigo comentando o título do filme em inglês: *Hope gap*, que, se formos traduzir ao pé da letra, significa *Lacuna de esperança*. O que parece despertar mais relações com a obra em si do que o título em português.

Em uma das cenas iniciais, vemos o marido, Edward, como professor dirigindo-se aos alunos. Uma de suas aulas foi muito marcante para mim, que traz uma metáfora do próprio filme, quando ele fala dos feridos de guerra, na época de Napoleão, os quais eram colocados em carroças, com roupas não adequadas para o frio local, e percorriam caminhos acidentados, de forma que acabavam caindo: “uma vez deixados para trás, eles congelavam até a morte. Pensavam se tratar de um acidente. Ninguém olhava para trás. Ao abandonar os fracos, os fortes sobreviviam.... Eram estratégias de sobrevivência” (Nicholson, 2019). Ele continua: “às vezes as pessoas são cruéis em momentos extremos. Isto é errado?” (Nicholson, 2019). Esta fala me parece complementar a metáfora do filme.

Desde o início torna-se evidente a falta de comunicação entre o casal; os diálogos são meramente funcionais. O marido não fala quase nada e a esposa, Grace, cobra muito alguma conversa. Cada um vive no seu mundo. Eles não têm lugar um na vida do outro. Quando ela tenta conversar, eles brigam. Ela pede alguma reação, ele se retira.

“Há algo que duas pessoas poderiam ter, que não temos e gostaria que tivéssemos?” (Nicholson, 2019), essa é uma das perguntas que Grace fez por tanto tempo, vivendo algo parecido com revolta e insatisfação. Algo que sempre frustrou seu marido Edward, mas ele nunca reclamou.

Observando a cena em que Grace fala sobre o aniversário de 29 anos de casamento, me lembro do texto de Marilene Grandesso, *Diálogos contidos e monólogos compartilhados* (2006) no qual ela afirma que:

na caminhada de um casal, um companheiro vai tentando decifrar quem é o outro: o que pensa, o que sente, como sente, o que espera da vida, quais seus valores, seus projetos, enfim quem é esta pessoa. É a construção de um sentido comum para esta convivência, que só será possível se os dois envolvidos assim o quiserem. Contudo, uma vez íntimo, o desconhecido vai dando lugar ao já sabido, esperado, previsível... Ao viver a convivência, a intimidade acaba resultando num

**MARCIA
ZALCMAN SETTON**

*Instituto Sistemas
Humanos*

fechamento para ver o presente como algo de novo. As lentes para ver o outro ficam saturadas, muitas vezes deformando-o. Assim, quanto mais se convive mais um parceiro conhece o outro. Por outro lado: quanto mais um relacionamento dura, menos se conhece o (a) parceiro (a). (p. 34 - 35)

Desta forma, podemos dizer que, no filme, o que persiste são monólogos compartilhados, e não diálogos com alguma possibilidade de transformação.

Para informar à esposa que está saindo de casa, o marido pede para o filho, Jamie, que mora fora e quase nunca vem para casa, vir visitá-los. Claramente, ele é colocado no meio do casal, o que caracteriza uma triangulação. O pai está pedindo ao filho uma aliança, para que cuide da mãe, enquanto ele vai viver sua vida. O pai precisa contar o segredo de que está envolvido com outra mulher.

Cerveney e Moreira (2019) apontam que, para Murray Bowen, o conceito de triangulação se refere a um sistema interrelacional entre três pessoas, envolvendo sempre uma díade e um terceiro, que será convocado a participar quando o nível de desconforto e de ansiedade aumentar entre as duas pessoas. Uma delas, então, buscará uma terceira para aliviar a tensão. Os triângulos aparecem no processo emocional interacional que se estabelece no sistema familiar e transgeracional.

Cerveney e Moreira (2019) também comentam que: “não é possível não haver triangulação numa família, porém o que importa é que através dela existe a possibilidade de se desenvolver a individuação, que só pode ocorrer na relação com o outro” (p. 17).

Outro aspecto que podemos notar é que, para o marido, sair de casa significa uma separação, enquanto para a esposa, significa um abandono. Sandra Fedullo Colombo (2011), em seu texto *Separação ou abandono?*, afirma que: “[t]odo caminhar pela vida é um longo aprendizado de se juntar e se separar....”, e segue, “[q]uando a separação não é autorizada, ela vem com a conotação de abandono, quebra de uma lealdade, trazendo a vivência do perigo da morte” (p. 72).

É interessante notar que no momento em que Edward sai de casa, a música escolhida como trilha sonora do filme é um réquiem, música que costuma acompanhar situações de luto.

Com o marido indo embora, a esposa o vê em todos os locais habituais dentro da casa; não quer sair de casa, na esperança de que ele volte. O desespero dela afugenta o filho, mas ela cobra lealdade do rapaz, o que faz com que seja muito difícil para ele ficar no meio dos dois.

Voltando para sua cidade, o filho assiste a um programa na TV a respeito da região onde moram: “nosso interior é cheio de paisagens esperando ser exploradas” (Nicholson, 2019). Esta parece ser mais uma boa metáfora para a história contada.

De outra parte, o pai relata para o filho sobre o primeiro encontro com a mãe, em um trem, e afirma: “entrei no trem errado” (Nicholson, 2019). Desta forma, ele está se dando conta, ou confirmando, que a relação do casal já estava distanciada há muito tempo.

Depois de algum tempo separados, Grace vai a uma homenagem aos soldados mortos na guerra, em sua cidade e escuta o capelão dizer: “eles não envelhecerão” (Nicholson, 2019).

Em seguida, quando vai ao advogado, acompanhada do filho para assinar o divórcio, a esposa levanta a questão de que é mais fácil superar uma morte do que uma separação – não há luto, nem dia da lembrança. Ela afirma: “uma viúva tem mais status que uma mulher abandonada”. (Nicholson, 2019)

Neste momento, ela está fazendo referência a uma construção social do lugar das mulheres junto à cultura local. Como nos conta Gergen (2004), “as palavras que

usamos se encontram embutidas em sistemas de regras ou em convenções compartilhadas... uma vez que uma pessoa faça parte de uma convenção local, sua liberdade de expressão fica limitada" (p. 25-26). A mãe está usando um jogo de linguagem local para expressar seu descontentamento.

Podemos observar que a realidade de cada um é diferente: para ela o casamento é indissolúvel, para ele não. Também podemos observar a posição do filho e as consequências desta triangulação em sua vida e do modelo de casal dos pais: ele não consegue ter uma vida amorosa satisfatória. O rapaz passa a visitar a mãe todos os finais de semana, relembando momentos da infância, quando os pais o nutriam.

A mãe, bastante deprimida, tem algumas afirmações que para mim foram marcantes: "estar acordada dói demais" (Nicholson, 2019), por exemplo. Grace adota um cachorro, ao qual dá o nome do ex-marido. A raiva e a tristeza se misturam. Ela não vê sentido para a vida.

Isto me fez lembrar de Peter Rober (2022), quando diz que, em geral, as pessoas vão para a terapia, quando passam por traumas, perdas ou apegos. Nesse caso, poderia se associar o trauma de Grace ao abandono; a perda estaria associada à relação; e o apego emocional, ao sentimento que ela nutria por ele, que lhe dava segurança.

Em uma ocasião o filho vai visitá-la e não a encontra em casa. Vai então para o local onde passeavam quando criança, que tem um penhasco. Nesse encontro, ele tem uma fala de total compreensão da situação emocional da mãe, mas também de valores para sua vida. Ele oferece novamente para ela o lugar de quem tem algo a ensinar de experiência de vida para o filho: "se a sua vida dói demais, por amor eu aceito que você acabe com ela. Só não me pegue de surpresa. Dê o tempo de dizer adeus. Não posso pedir que você viva por mim" (Nicholson, 2019). E continua:

você é a exploradora. Está na minha frente na estrada. Então se você não seguir mais em frente, vou saber que a estrada foi muito difícil por muito tempo. Vou saber que, no fim, o sofrimento prevalece. Mas, se seguir em frente, vou saber que não importa quão ruim seja, eu posso aguentar, porque você aguentou antes de mim. (Nicholson, 2019).

Pelo meu olhar, este foi o momento mais marcante do filme, pois demonstra a maturidade que o rapaz desenvolveu para poder apoiar a mãe dessa forma tão generosa.

Em uma das cenas finais, ela aparece fazendo trabalho voluntário com pessoas que também foram abandonadas e que estão desesperadas e argumenta: "depois de um tempo, a infelicidade deixa de ser interessante" (Nicholson, 2019). A partir daí ela também retoma a antologia de poemas que estava organizando, com textos que possam ajudar pessoas com traumas. O filho dá apoio direto, oferecendo uma nova linguagem, com a criação de um site para publicar os textos selecionados. O nome do site também se encaixa na narrativa do filme: *Já estive aqui antes*.

Em uma cena marcante, Grace vai visitar o ex-marido na casa da companheira e afirma que ele "deve sentir que os anos comigo foram uma outra vida, outro planeta" (Nicholson, 2019). E quando a companheira entra, Grace a confronta, pedindo alguma explicação, ao que ela responde: "Tinha três pessoas infelizes, agora só tem uma" (Nicholson, 2019). Aqui faço uma associação com a história que Edward contava na classe a respeito da estratégia de sobrevivência dos fortes.

O filme também indica que o filho pode começar a se desenvolver e se diferenciar, a partir do momento em que a mãe encontra motivação para viver, diminuindo seu sofrimento. Para haver a diferenciação, é necessário haver um pertencimento.

Com uma poesia no final, o filho homenageia os pais e se liberta, comunicando que seguirá seu próprio caminho.

REFLEXÕES FINAIS

Este filme ilustra vários temas que encontramos na prática clínica. A situação retratada representa um drama vivenciado por muitas famílias, mas ganha força quando individualizado. Principalmente, porque aqui reflete um acontecimento experienciado pelo criador da obra.

São abordadas questões de relacionamento de casais de longa duração, que não conseguem manter uma comunicação fluida, aberta e transparente entre eles, de forma que não foi possível uma parceria.

O filme apresenta de forma explícita questões de triangulação, dos convites feitos aos filhos para resolverem a ansiedade resultante da situação dos pais. A obra também aborda as possibilidades de superação do luto de um relacionamento, e as dificuldades encontradas para isso.

Finalmente, *Enquanto houver amor* fala das possibilidades de diferenciação, e da busca de realização de cada um dos personagens do filme.

REFERÊNCIAS

- Cervený, C.; Moreira, M.A.A.** (2019). *Relações Triangulares: Dois é bom, Três é demais?* Curitiba: Juruá.
- Colombo, S. F.** (2011). Separação ou Abandono? In: Osorio, L.C.; Valle, M.E. P.; *Manual de Terapia Familiar*, vol. II. Porto Alegre: Artmed.
- Grandesso, M.** (2006). Diálogos contidos e monólogos compartilhados: encontros e desencontros na construção de sentido nas relações amorosas. In: Colombo, S. F. *Gritos e Sussurros – Intersecções e Ressonâncias*. São Paulo, Vetor.
- Nicholson, W.** (2019). *Enquanto houver amor [Hope Gap]*. Filme. Reino Unido: Origin Pictures
- Rober, P.** (2022). *Juntos em Terapia. Terapia de Família como diálogo*. Trad. Leonora Corsini. São Paulo, Noos.

MARCIA ZALCMAN SETTON

Psicóloga; Mestre em Psicologia Clínica pela PUCSP; Especialização em Terapia individual, de casais e famílias; clínica particular. Sócia e Professora no Instituto Sistemas Humanos; Supervisora no CEAF, (Centro de Estudos e Assistência à Família); membro da Diretoria Executiva da ABRATEF

<http://prcid.org/0009-0009-0337-0801>

E-mail: mzsetton@gmail.com